

AS BEM-AVENTURANÇAS NA FAMÍLIA!

1. Introdução

Guiar-nos-ão, na nossa reflexão dois documentos do Papa Francisco, aparentemente dissociados, mas intimamente relacionados. Refiro-me à Exortação Apostólica Pós-Sinodal *A Alegria do Amor (Amoris Laetitia - AL)*, de 19 de março de 2016, e a Exortação Apostólica *Alegrai-vos e Exultai (Gaudete et exultate - GE)*, sobre o chamamento à santidade no mundo atual, de 19 de março de 2018. Na verdade, santidade e amor estão intimamente relacionados. A essência da santidade é o amor e a vida familiar, assente no amor mútuo dos conjugues, é um caminho concreto de resposta à vocação universal à santidade. Assim sendo, redescobrir a nossa vocação à santidade no mundo atual é um apelo a viver o mandamento novo do amor e a reflexão sobre as características do amor na vida conjugal levam-nos a valorizar a vida familiar, não como uma vocação de segunda ou terceira categoria, inferior à da ordem sacra ou à da vida religiosa.

Bem-aventuranças: essência da santidade → “Sobre a essência da santidade, podem haver muitas teorias, abundantes explicações e distinções... Jesus explicou, com toda a simplicidade, o que é ser santo; fê-lo quando nos deixou as bem-aventuranças (cf. Mt 5, 3-12; Lc 6, 20-23). Estas são como que o bilhete de identidade do cristão. ... Nelas está delineado o rosto do Mestre, que somos chamados a deixar transparecer no dia-a-dia.” (GE, 63)

Vida familiar: caminho de santidade → “São João Paulo II ... ao tratar da caridade conjugal, descreveu o modo como os cônjuges, no seu amor mútuo, recebem o dom do Espírito de Cristo e vivem a sua vocação à santidade.” (AL, 69)

“Tudo o que foi dito não é suficiente para exprimir o Evangelho do matrimónio e da família, se não nos detivermos particularmente a falar do amor. Com efeito, não poderemos encorajar um caminho de fidelidade e doação recíproca, se não estimularmos o crescimento, a consolidação e o aprofundamento do amor conjugal e familiar. De facto, a graça do sacramento do matrimónio destina-se, antes de mais nada, «a aperfeiçoar o amor dos cônjuges». Também aqui é verdade que, «ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não tiver amor, nada sou. Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor de nada me vale» (1Cor 13, 2-3). Mas a palavra «amor», uma das mais usadas, muitas vezes aparece desfigurada.” (AL, 89)

2. Como viver o amor familiar segundo à lógica das bem-aventuranças?

Poderá traduzir cada bem-aventurança uma ou mais características do amor elencadas por São Paulo em 1 Cor 13 e comentadas pelo Papa Francisco em *Amoris Laetitia*, no cap IV? Penso que sim e é isso que tentarei demonstrar.

- **Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu** → ***Sem ser arrogante nem se orgulhar [97-98] e Confia [114-115]***

Felizes os pobres em espírito:

“O Evangelho convida-nos a reconhecer a verdade do nosso coração, para ver onde colocamos a segurança da nossa vida. Normalmente, o rico sente-se seguro com as suas riquezas ... As riquezas não te dão segurança

alguma. Mais ainda: quando o coração se sente rico... não tem espaço para a Palavra de Deus, para amar os irmãos, nem para gozar das coisas mais importantes da vida. Deste modo priva-se dos bens maiores. ... Esta pobreza de espírito está intimamente ligada à «santa indiferença» proposta por Santo Inácio de Loyola, na qual alcançamos uma estupenda liberdade interior... Lucas não fala duma pobreza «em espírito», mas simplesmente de ser «pobre» (cf. Lc 6, 20), convidando-nos assim a uma vida também austera e essencial, a configurar-nos a Jesus, que, «sendo rico, Se fez pobre» (2 Cor 8, 9). Ser pobre no coração: isto é santidade.” (GE 67-70)

O amor não é arrogante nem orgulhoso:

“Sem ser arrogante nem se orgulhar ... o termo *perpereuetai*, que indica vanglória, desejo de se mostrar superior para impressionar os outros com atitude pedante e um pouco agressiva. Quem ama não só evita falar muito de si mesmo, mas, porque está centrado nos outros, sabe manter-se no seu lugar sem pretender estar no centro. A palavra seguinte – *physioutai* – é muito semelhante, indicando que o amor não é arrogante. Literalmente afirma que não se «engrandece» diante dos outros; mas indica algo de mais subtil. Não se trata apenas duma obsessão por mostrar as próprias qualidades; é pior: perde-se o sentido da realidade ... Por outras palavras, alguns julgam-se grandes, porque sabem mais do que os outros, dedicando-se a impor-lhes exigências e a controlá-los... É importante que os cristãos vivam isto no seu modo de tratar os familiares pouco formados na fé, frágeis ou menos firmes nas suas convicções. Às vezes, dá-se o contrário: as pessoas que, no seio da família, se consideram mais desenvolvidas, tornam-se arrogantes insuportáveis. A atitude de humildade aparece aqui como algo que faz parte do amor, porque, para poder compreender, desculpar ou servir os outros de coração, é indispensável curar o orgulho e cultivar a humildade. Na vida familiar, não pode reinar a lógica do domínio de uns sobre os outros, nem a competição para ver quem é mais inteligente ou poderoso, porque esta lógica acaba com o amor.” (AL 97-98)

O Amor tudo crê:

“Confia «*Panta pisteuei* – tudo crê». Pelo contexto, não se deve entender esta «fé» em sentido teológico, mas no sentido comum de «confiança». Não se trata apenas de não suspeitar que o outro esteja mentindo ou enganando; esta confiança básica reconhece a luz acesa por Deus que se esconde por detrás da escuridão, ou a brasa ainda acesa sob as cinzas. É precisamente esta confiança que torna possível uma relação em liberdade. ... Esta liberdade, que possibilita espaços de autonomia, abertura ao mundo e novas experiências, consente que a relação se enriqueça e não se transforme numa endogamia sem horizontes. ... Ao mesmo tempo torna possível a sinceridade e a transparência, porque uma pessoa, quando sabe que os outros confiam nela e apreciam a bondade basilar do seu ser, mostra-se como é, sem dissimulações. Pelo contrário, quando alguém sabe que sempre suspeitam dele, julgam-no sem compaixão e não o amam incondicionalmente, preferirá guardar os seus segredos, esconder as suas quedas e fraquezas, fingir o que não é. Concluindo, uma família, onde reina uma confiança sólida, carinhosa e, suceda o que suceder, sempre se volta a confiar, permite o florescimento da verdadeira identidade dos seus membros, fazendo com que se rejeite espontaneamente o engano, a falsidade e a mentira.” (AL 114-115)

- **Felizes os mansos, porque possuirão a terra → *Paciência* [91-92]**

Felizes os mansos:

“É uma frase forte, neste mundo que, desde o início, é um lugar de inimizade, onde se litiga por todo o lado, onde há ódio em toda a parte ... Embora pareça impossível, Jesus propõe outro estilo: a mansidão... Se

vivemos tensos, arrogantes diante dos outros, acabamos cansados e exaustos. Mas, quando olhamos os seus limites e defeitos com ternura e mansidão, sem nos sentirmos superiores, podemos dar-lhes uma mão e evitamos de gastar energias em lamentações inúteis. Para Santa Teresa de Lisieux, «a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com as suas fraquezas». Paulo designa a mansidão como fruto do Espírito Santo. E, se alguma vez nos preocuparem as más ações do irmão, propõe que o abordemos para corrigi-lo, mas «com espírito de mansidão... Na Igreja, erramos muitas vezes por não ter acolhido este apelo da Palavra divina. ... Alguém poderia objetar: «Mas, se eu for assim manso, pensarão que sou insensato, estúpido ou frágil». ... É melhor sermos sempre mansos, porque ... os mansos esperam no Senhor, e aqueles que esperam no Senhor possuirão a terra e gozarão de imensa paz. Ao mesmo tempo, o Senhor confia neles... Reagir com humilde mansidão: isto é santidade.” (GE 71-74)

O Amor é paciente:

“Paciência. A primeira palavra usada é «*macrothymei*». A sua tradução não é simplesmente «suporta tudo» ... O sentido encontra-se na tradução grega do texto do Antigo Testamento onde se diz que Deus é «lento para a ira» (Nm 14, 18; cf. Ex 34, 6). Uma pessoa mostra-se paciente, quando não se deixa levar pelos impulsos interiores e evita agredir... A paciência de Deus é exercício da misericórdia de Deus para com o pecador e manifesta o verdadeiro poder. Ter paciência não é deixar que nos maltratem permanentemente, nem tolerar agressões físicas, ou permitir que nos tratem como objetos. O problema surge quando exigimos que as relações sejam idílicas.... Então tudo nos impacienta, tudo nos leva a reagir com agressividade. Se não cultivarmos a paciência, sempre acharemos desculpas para responder com ira, acabando por nos tornarmos pessoas que não sabem conviver, anti-sociais incapazes de dominar os impulsos, e a família tornar-se-á um campo de batalha. ... Esta paciência reforça-se quando reconheço que o outro, assim como é, também tem direito a viver comigo nesta terra. O amor possui sempre um sentido de profunda compaixão, que leva a aceitar o outro como parte deste mundo, mesmo quando age de modo diferente daquilo que eu desejaria.” (AL 91-92)

- **Felizes os que choram, porque serão consolados → *Alegar-se com os outros* [109-110]**

Felizes os que choram:

“O mundo propõe-nos o contrário: o entretenimento, o prazer, a distração, o divertimento... O mundo não quer chorar: prefere ignorar as situações dolorosas, cobri-las, escondê-las. Gastam-se muitas energias para escapar das situações onde está presente o sofrimento... A pessoa que, vendo as coisas como realmente estão, se deixa trespassar pela aflição e chora no seu coração, é capaz de alcançar as profundezas da vida e ser autenticamente feliz. Esta pessoa é consolada, mas com a consolação de Jesus e não com a do mundo. Assim pode ter a coragem de partilhar o sofrimento alheio, e deixa de fugir das situações dolorosas. Desta forma, descobre que a vida tem sentido socorrendo o outro na sua aflição... Saber chorar com os outros: isto é santidade.” (GE 75-76)

O Amor não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade:

“Alegar-se com os outros. A expressão *jaireiepi te adikíandica* indica algo de negativo arraigado no segredo do coração da pessoa. É a atitude venenosa de quem, ao ver feita a alguém uma injustiça, se alegra. A frase é completada pela seguinte, que o diz de forma positiva: *sygjairi te alétheia* – rejubila com a verdade. Por outras palavras, alegra-se como bem do outro, quando se reconhece a sua dignidade, quando se aprecia as suas capacidades e as suas boas obras. Isto é impossível para quem sente a necessidade de estar sempre a

comparar-se ou a competir, inclusive com o próprio cônjuge, até ao ponto de se alegrar secretamente com os seus fracassos.... Se não alimentamos a nossa capacidade de rejubilar como bem do outro, concentrando-nos sobretudo nas nossas próprias necessidades, condenamo-nos a viver com pouca alegria. (AL 109-110)

- **Felizes os que tem fome ou sede de justiça, porque serão saciados → Atitude de serviço [93-94] e Desprendimento [101-102]**

Felizes os que tem fome ou sede de justiça:

“Fome e sede são experiências muito intensas, porque correspondem a necessidades primárias e têm a ver com o instinto de sobrevivência. Há pessoas que, com esta mesma intensidade, aspiram pela justiça e buscam-na com um desejo assim forte. Jesus diz que elas serão saciadas... Mas a justiça, que Jesus propõe, não é como a que o mundo procura, uma justiça muitas vezes manchada por interesses mesquinhos, manipulada para um lado ou para outro. ... E quantas pessoas sofrem por causa das injustiças... Alguns desistem de lutar pela verdadeira justiça, e optam por subir para o carro do vencedor. Isto não tem nada a ver com a fome e sede de justiça que Jesus louva. Esta justiça começa por se tornar realidade na vida de cada um, sendo justo nas próprias decisões, e depois manifesta-se na busca da justiça para os pobres e vulneráveis. É verdade que a palavra «justiça» pode ser sinónimo de fidelidade à vontade de Deus com toda a nossa vida... Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade.” (GE 77-79)

O Amor é prestável:

“Atitude de serviço. Vem depois a palavra *jrestéuetai* – a única vez que aparece em toda a Bíblia –, que deriva de *jrestós* (pessoa boa, que mostra a sua bondade nas ações). ... Indica que o amor beneficia e promove os outros. Por isso, traduz-se como «prestável»... Paulo quer insistir que o amor não é apenas um sentimento, mas deve ser entendido no sentido que o verbo «amar» tem em hebraico: «fazer o bem». Como dizia Santo Inácio de Loyola, «o amor deve ser colocado mais nas obras do que nas palavras» (AL 93-94)

O Amor não procura o próprio interesse:

“Desprendimento. ..., deve-se evitar de dar prioridade ao amor a si mesmo, como se fosse mais nobre do que o dom de si aos outros. Uma certa prioridade do amor a si mesmo só se pode entender como condição psicológica, pois uma pessoa que seja incapaz de se amar a si mesma sente dificuldade em amar os outros ... o próprio Tomás de Aquino explicou «ser mais próprio da caridade querer amar do que querer ser amado», e que de facto «as mães, que são as que mais amam, procuram mais amar do que ser amadas». Por isso, o amor pode superar a justiça e transbordar gratuitamente «sem nada esperar em troca» (Lc 6, 35), até chegar ao amor maior que é «dar a vida» pelos outros (Jo 15, 13).” (AL 101-102)

- **Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia → Perdão [105-108] e Tudo desculpa [111-113]**

Felizes os misericordiosos:

“A misericórdia tem dois aspetos: é dar, ajudar, servir os outros, mas também perdoar, compreender. ... Dar e perdoar é tentar reproduzir na nossa vida um pequeno reflexo da perfeição de Deus... no Evangelho de Lucas, já não encontramos «sede perfeitos» (Mt 5, 48), mas «sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso...» (6, 38). A medida que usarmos para compreender e perdoar será aplicada a nós para nos perdoar. ... Jesus não diz «felizes os que planeiam vingança», mas chama felizes aqueles que perdoam É

necessário pensar que todos nós somos uma multidão de perdoados... Se nos aproximarmos sinceramente do Senhor e ouvirmos com atenção, possivelmente uma vez ou outra escutaremos esta repreensão: «não devias também ter piedade do teu companheiro como Eu tive de ti?»... Olhar e agir com misericórdia: isto é santidade.” (GE 80-82)

O Amor não guarda ressentimento:

“Perdão. A frase *logízetai to kakón* significa que se «tem em conta o mal», «trá-lo gravado», ou seja, está ressentido. O contrário disto é o perdão; perdão fundado numa atitude positiva que procura compreender a fraqueza alheia e encontrar desculpas para a outra pessoa... Entretanto a tendência costuma ser a de buscar cada vez mais culpas, imaginar cada vez mais maldades, supor todo o tipo de más intenções, e assim o ressentimento vai crescendo e cria raízes. ... O problema é que, às vezes, atribui-se a tudo a mesma gravidade, com o risco de tornar-se cruel perante qualquer erro do outro. A justa reivindicação dos próprios direitos torna-se mais uma persistente e constante sede de vingança do que uma sã defesa da própria dignidade.... Quando estivermos ofendidos ou desiludidos, é possível e desejável o perdão; mas ninguém diz que seja fácil. ... Hoje sabemos que, para se poder perdoar, precisamos de passar pela experiência libertadora de nos compreendermos e perdoarmos a nós mesmos. Quantas vezes os nossos erros ou o olhar crítico das pessoas que amamos nos fizeram perder o amor a nós próprios; isto acaba por nos levar a acautelar-nos dos outros, ... poder culpar os outros torna-se um falso alívio. Mas isto pressupõe a experiência de ser perdoados por Deus... Se aceitamos que o amor de Deus é incondicional, que o carinho do Pai não se deve comprar nem pagar, então poderemos amar sem limites, perdoar aos outros”. (AL 105-108)

O Amor tudo desculpa:

“Tudo desculpa... diz-se que «tudo desculpa – *panta stégei*». É diferente de «não ter em conta o mal»...; pode significar «guardar silêncio» a propósito do mal que possa haver noutra pessoa. Implica limitar o juízo, conter a inclinação para se emitir uma condenação dura e implacável ... Deter-se a danificar a imagem do outro é uma maneira de reforçar a própria, de descarregar ressentimentos e invejas, sem se importar com o dano causado... o amor faz o contrário, defendendo a imagem dos outros e com uma delicadeza tal que leva mesmo a preservar a boa fama dos inimigos. ... Os esposos, que se amam e se pertencem, falam bem um do outro, procuram mostrar mais o lado bom do cônjuge do que as suas fraquezas e erros. ... não é a ingenuidade de quem pretende não ver as dificuldades e os pontos fracos do outro, mas a perspetiva ampla de quem coloca estas fraquezas e erros no seu contexto; lembra-se de que estes defeitos constituem apenas uma parte, não são a totalidade do ser do outro... todos somos uma complexa combinação de luzes e sombras. O outro não é apenas aquilo que me incomoda; é muito mais do que isso. ...o facto de o seu amor ser imperfeito não significa que seja falso ou que não seja real. É real, mas limitado e terreno.. O amor convive com a imperfeição, desculpa-a e sabe guardar silêncio perante os limites do ser amado.” (AL 111-113)

- **Felizes os puros de Coração, porque verão a Deus → *Curando a inveja* [95-96]**

Felizes os puros de Coração:

“Esta bem-aventurança diz respeito a quem tem um coração simples, puro, sem imundície, ... Na Bíblia, o coração significa as nossas verdadeiras intenções, o que realmente buscamos e desejamos, para além do que aparentamos... É verdade que não há amor sem obras de amor, mas esta bem-aventurança lembra-nos que o Senhor espera uma dedicação ao irmão que brote do coração... Nas intenções do coração, têm origem os desejos e as decisões mais profundas que efetivamente nos movem. Quando o coração ama a Deus e ao

próximo (cf. Mt 22, 36-40), quando isto é a sua verdadeira intenção e não palavras vazias, então esse coração é puro e pode ver a Deus... Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade.” (GE 83-86)

O Amor não é invejoso:

“Curando a inveja...rejeita-se, como contrária ao amor, uma atitude expressa como *zelo* (ciúme ou inveja)... A inveja é uma tristeza pelo bem alheio, demonstrando que não nos interessa a felicidade dos outros, porque estamos concentrados exclusivamente no nosso bem-estar. Enquanto o amor nos faz sair de nós mesmos, a inveja leva a centrar-nos em nós próprios. O verdadeiro amor aprecia os sucessos alheios, não os sente como uma ameaça, libertando-se do sabor amargo da inveja. Aceita que cada um tenha dons distintos e caminhos diferentes na vida; e, conseqüentemente, procura descobrir o seu próprio caminho para ser feliz, deixando que os outros encontrem o deles ...trata-se de cumprir o que pedem os dois últimos mandamentos da Lei de Deus Amo aquela pessoa, vejo-a com o olhar de Deus Pai... e conseqüentemente aceito, no meu íntimo, que ela possa usufruir dum momento bom. Entretanto esta mesma raiz do amor leva-me a rejeitar a injustiça de alguns terem muito e outros não terem nada, ou induz-me a procurar que os próprios descartáveis da sociedade possam viver um pouco de alegria. Mas isto não é inveja; são anseios de equidade.” (AL 95-96)

- **Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus → *Sem violência interior* [103-104] e *Amabilidade* [99-100]**

Felizes os pacificadores:

“Esta bem-aventurança faz-nos pensar nas numerosas situações de guerra que perduram. Da nossa parte, é muito comum sermos causa de conflitos ou, pelo menos, de incompreensões. ... O mundo das murmurações, feito por pessoas que se dedicam a criticar e destruir, não constrói a paz. Pelo contrário, tais pessoas são inimigas da paz e, de modo nenhum, bem-aventuradas. Os pacíficos são fonte de paz, constroem paz e amizade social.Não é fácil construir esta paz evangélica que não exclui ninguém; antes, integra É difícil, requerendo uma grande abertura da mente e do coração, uma vez que não se trata de «um consenso de escritório ou uma paz efêmera para uma minoria feliz» nem de «um projeto de poucos para poucos». Também não pretende ignorar ou dissimular os conflitos, mas «aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo». Trata-se de ser artesãos da paz, porque construir a paz é uma arte que requer serenidade, criatividade, sensibilidade e destreza. Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade.” (GE 87-89)

O Amor nada faz de inconveniente:

“Amabilidade. Amar é também tornar-se amável, e nisto está o sentido do termo *asjemonéi*. Significa que o amor não age rudemente, não atua de forma inconveniente, não se mostra duro no trato. Os seus modos, as suas palavras, os seus gestos são agradáveis; não são ásperos, nem rígidos. Detesta fazer sofrer os outros. ... Diariamente «entrar na vida do outro, mesmo quando faz parte da nossa existência, exige a delicadeza duma atitude não invasiva, que renova a confiança e o respeito. (...) E quanto mais íntimo e profundo for o amor, tanto mais exigirá o respeito pela liberdade e a capacidade de esperar que o outro abra a porta do seu coração». A fim de se predispor para um verdadeiro encontro com o outro, requer-se um olhar amável pousado nele. Isto não é possível quando reina um pessimismo que põe em evidência os defeitos e erros alheios, talvez para compensar os próprios complexos. Um olhar amável faz com que nos detenhamos menos nos limites do outro, podendo assim tolerá-lo e unirmo-nos num projeto comum, apesar de sermos

diferentes. O amor amável gera vínculos, cultiva laços, cria novas redes de integração, constrói um tecido social firme.... Uma pessoa antissocial julga que os outros existem para satisfazer as suas necessidades e, quando o fazem, cumprem apenas o seu dever. Neste caso, não haveria espaço para a amabilidade do amor e a sua linguagem. A pessoa que ama é capaz de dizer palavras de incentivo, que reconfortam, fortalecem, consolam, estimulam. ... Não são palavras que humilham, angustiam, irritam, desprezam. Na família, é preciso aprender esta linguagem amável de Jesus.” (AL 99-100)

O Amor não se irrita:

“Sem violência interior ... agora aparece outra palavra – *paroxýnetai* –que diz respeito a uma reação interior de indignação provocada por algo exterior. Trata-se de uma violência interna, uma irritação recôndita que nos põe à defesa perante os outros, como se fossem inimigos molestos a evitar. Alimentar esta agressividade íntima, de nada aproveita. Serve apenas para nos adoentar, acabando por nos isolar. A indignação é saudável, quando nos leva a reagir perante uma grave injustiça; mas é prejudicial, quando tende a impregnar todas as nossas atitudes para com os outros. ... Uma coisa é sentir a força da agressividade que irrompe, e outra é consentir nela, deixar que se torne uma atitude permanente... Por isso, nunca se deve terminar o dia sem fazer as pazes na família. «E como devo fazer as pazes? Ajoelhar-me? Não! Para restabelecer a harmonia familiar basta um pequeno gesto, uma coisa de nada. É suficiente uma carícia, sem palavras. Mas nunca permitais que o dia em família termine sem fazer as pazes» Se tivermos de lutar contra um mal, façamo-lo; mas sempre digamos «não» à violência interior.” (AL 103-104)

- **Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu → *Tudo espera [116-117]e tudo suporta [118-119].***

Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça:

“O próprio Jesus sublinha que este caminho vai contracorrente, a ponto de nos transformar em pessoas que questionam a sociedade com a sua vida, pessoas que incomodam. Se não queremos afundar numa obscura mediocridade, não pretendamos uma vida cómoda... para viver o Evangelho, não podemos esperar que tudo à nossa volta seja favorável, porque muitas vezes as ambições de poder e os interesses mundanos jogam contra nós... Numa tal sociedade alienada, enredada numa trama política, mediática, económica, cultural e mesmo religiosa, que estorva o autêntico desenvolvimento humano e social, torna-se difícil viver as bem-aventuranças, podendo até a sua vivência ser mal vista, suspeita, ridicularizada. A cruz, especialmente as fadigas e os sofrimentos que suportamos para viver o mandamento do amor e o caminho da justiça, é fonte de amadurecimento e santificação... fala-se, porém, das perseguições inevitáveis, não daquelas que nós próprios podemos provocar com um modo errado de tratar os outros. Um santo não é uma pessoa excêntrica, distante, que se torna insuportável pela sua vaidade, negativismo e ressentimento. ... As perseguições não são uma realidade do passado, porque hoje também as sofremos quer de forma cruenta, como tantos mártires contemporâneos, quer duma maneira mais subtil, através de calúnias e falsidades.... Abraçar diariamente o caminho do Evangelho mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade.” (AE 90-94)

O Amor tudo espera:

“Tudo Espera. *Panta elpízei*: não desespera do futuro..., indica a esperança de quem sabe que o outro pode mudar; sempre espera que seja possível Não significa que, nesta vida, tudo vai mudar; implica aceitar que nem tudo aconteça como se deseja, mas talvez Deus escreva direito por linhas tortas e saiba tirar algum bem

dos males que não se conseguem vencer nesta terra. Aqui aparece a esperança no seu sentido pleno, porque inclui a certeza duma vida para além da morte. Aquela pessoa, com todas as suas fraquezas, é chamada à plenitude do Céu: lá, completamente transformada pela ressurreição de Cristo, cessarão de existir as suas fraquezas, trevas e patologias; lá, o verdadeiro ser daquela pessoa resplandecerá com toda a sua potência de bem e beleza. Isto permite-nos, no meio das moléstias desta terra, contemplar aquela pessoa com um olhar sobrenatural, à luz da esperança, e aguardar aquela plenitude que, embora hoje não seja visível, há de receber um dia no Reino celeste.” (AL 116-117)

O Amor tudo suporta:

“Tudo suporta. *Panta hypoménei* significa que suporta, com espírito positivo, todas as contrariedades. É manter-se firme no meio dum ambiente hostil. Não consiste apenas em tolerar algumas coisas molestas, mas é algo de mais amplo: uma resistência dinâmica e constante, capaz de superar qualquer desafio. É amor que apesar de tudo não desiste, mesmo que todo o contexto convide a outra coisa. Manifesta uma dose de heroísmo tenaz, de força contra qualquer corrente negativa, uma opção pelo bem que nada pode derrubar. ... O amor não se deixa dominar pelo ressentimento, o desprezo das pessoas, o desejo de se lamentar ou vingar de alguma coisa. O ideal cristão, nomeadamente na família, é amor que apesar de tudo não desiste.” (AL 117-118)

3. Conclusão

Então, se a vontade de Deus é a nossa santificação e se a essência da santidade é o amor, podemos concluir que a vontade de Deus é o amor. Nesta linha, afirma o Padre Tolentino Mendonça: “Qual é a vontade de Deus? A vontade de Deus é o Amor. O nosso único dever é o Amor. E, quando a gente diz ‘Seja feita a vossa vontade’, sabe de antemão que isso significa ‘seja cumprido, atualizado, redesenhado o Amor’.”

A única vontade de Deus é o amor, caminho de felicidade, de autorrealização e de ressurreição. Só o amor é capaz de ressuscitar! Consequentemente, “Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos.” (Santo Agostinho)

Como nos recorda Sebastião da Gama, nós não temos muito que fazer, temos muito que amar. É essa a vontade de Deus a nosso respeito! Na verdade, “no entardecer da vida seremos julgados sobre o amor.” (São João da Cruz).

Nuno Ventura Martins, cp
Escapães, 15/2/2019